

La Comédiathèque

Breves do tempo perdido

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Breves do tempo perdido

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Comédia de sketches sobre o tempo, a vida, a morte, o amor e o eterno retorno...

Duas a três personagens por sketch

Elenco variável

Despertar.....	3
1. Manobras de aproximação.....	6
2. Amor para sempre.....	8
3. Autoestrada.....	9
4. Desfasamento horário.....	11
5. Partida de pesca.....	13
6. Excesso de lentidão.....	15
7. Fora de época.....	18
8. Tempo perdido.....	20
9. Perdido de vista.....	23
10. Amor à primeira vista.....	25
11. Contratempo.....	30
Pausa.....	34
12. Frente a frente.....	36
13. 107 anos.....	38
14. Lição de vida.....	40
15. Memória cache.....	41
16. Recordações.....	43
17. Projetos de futuro.....	44
18. Férias.....	45
19. Primeiro amor.....	47
20. Nem frio nem calor.....	50
21. Mortal.....	52
22. Ausência de gravidade.....	54
23. Imobiliária espacial.....	55
24. Trindade.....	58
25. Não é o fim do mundo.....	60
Pano.....	63

Despertar

A luz acende-se pouco a pouco. Um casal dorme debaixo de um lençol. Ouve-se um bater ritmado, seguido das três pancadas do teatro. Ele acorda sobressaltado e cai da cama. Veste um pijama às riscas que faz lembrar o uniforme de um prisioneiro. Esfrega as costelas, fazendo uma careta, e olha em volta como se não reconhecesse nada. Observa o pijama, surpreendido, levanta-se e percorre o quarto à procura de uma saída, mas não encontra nenhuma. Fica imóvel ao descobrir o público a observá-lo. Abana a cabeça, como para afastar um pesadelo, regressa à cama e dá de caras com Ela, também de pijama às riscas, que acordou enquanto ele estava de costas. Os dois gritam de terror ao verem-se.

Ela e Ele – Ah!

Ela (*tapando o peito com as mãos*) – O que é que está aqui a fazer?

Ele – E a senhora?

Ela levanta-se e repete, mais ou menos, os movimentos que ele fez, enquanto este a observa.

Ela – Mas... onde estamos?

Ele – Não faço ideia...

Ela – Ao menos lembra-se de como se chama?

Ele (*abanando a cabeça*) – E a senhora?

Ela – Se estamos numa colónia de férias, deve ter o nome numa etiqueta cosida no interior do pijama. Deixe-me ver...

Aproxima-se para espreitar por dentro da gola do pijama. Ele recua, mas acaba por deixar.

Ela – Ah, sim, está aqui qualquer coisa escrita! Não consigo ler. Tire a parte de cima, a ver...

Ele acaba por tirar a camisola do pijama. Fica de tronco nu e mostra-se embaraçado. Ela inclina-se para ler a etiqueta.

Ela – Adão...

Ele – Como a maçã-de-adão...?

Ela – Como nome próprio! (*Ele parece perplexo e esfrega distraidamente as costelas.*) Magoou-se?

Ele – Não é nada. Devo ter rachado uma costela quando caí da cama. (*Pausa.*) E a senhora?

Ela – Não, eu estou bem...

Ele – Quero dizer que a senhora também pode ter o nome numa etiqueta, algures. Deixe-me ver...

Ele aproxima-se, mas ela detém-no com um gesto firme.

Ela – Isso fica para mais tarde!

Ele – Uma colónia de férias...? Acha? Mas não está cá ninguém...

Ela – Talvez sejamos os primeiros...

Ele – Ou os últimos... *(Percorrem o quarto, cada um para seu lado, e voltam a encontrar-se.)* Nós não nos conhecemos de algum lado?

Ela – Talvez dos seus sonhos... Então não vê maneira nenhuma de sairmos daqui?

Ele – Ouça lá, nós não somos casados! Porque é que tenho de ser eu a tirar-nos daqui?

Ela – Desculpe...

Ele – Bem... E agora, o que fazemos?

Ela – Temos mesmo de fazer alguma coisa?

Ele *(decidido)* – Detesto estar sem fazer nada. *(E passa das palavras aos atos.)* Vou voltar para a cama!

Ela – Está bem...

Ele – Talvez seja um pesadelo... E, quando acordarmos, tudo será melhor...

Ela – Ou pior...

Preparam-se para se deitar novamente, um pouco constrangidos por terem de partilhar a mesma cama.

Ele – Prefere algum dos lados?

Ela – Não...

Ele – Então fico outra vez com este.

Deita-se no mesmo lado de antes.

Ela – Uma pessoa habitua-se depressa às suas pequenas manias...

Ela deita-se do outro lado, mas não parece ter sono.

Ele – Posso apagar a luz?

Ela – Ainda me apetecia ler um bocadinho, mas nem sequer temos o texto da peça...

Ele – Então apago. *(Procura o interruptor.)* Não vejo interruptor nenhum... *(A luz diminui pouco a pouco.)* Ah, pronto, já está! *(Volta-se para ela.)* Bem... Até um dia destes, então...

Ela – Pois... Até um dia destes...

Escuro.

Ela – Ponho o despertador?

Ele – Amanhã não é domingo?

Ela – De qualquer maneira, nem sequer temos despertador...

1. Manobras de aproximação

Estão sentados lado a lado. Ela dorme encostada ao ombro dele. Acorda pouco a pouco e sobressalta-se ligeiramente.

Ela – Desculpe, lamento... Mas devia ter-me...

Ele – Não tive coragem de a acordar...

Ela – Dormi muito tempo?

Ele – Já iniciámos a aproximação...

Ela – Como disse?

Ele – Quero dizer... As manobras de aproximação... Para aterrar!

Ela – Ah, claro...

Ela compõe um pouco o cabelo.

Ele (*a tentar meter conversa*) – Está de férias?

Ela – Bem... Não... Vou ter com o meu marido...

Ele – Ah... E o que faz ele?

Ela – É... médico... Trabalha para uma ONG...

Ele – Ah, pois claro... Num país destes, para além do turismo e da ajuda humanitária... Há um bocadinho de prostituição... E tráfico de droga, naturalmente...

Ela (*desconcertada*) – E o senhor? Está de férias?

Ele – Bem, não... Dedico-me ao tráfico de armas.

Ela – Quer dizer...?

Ele – Espingardas de assalto, lança-foguetões, minas antipessoais... Acabei de arranjar um lote de tanques quase novos. Se estiver interessada...

Ela – Obrigada... O meu marido já tem um todo-o-terreno...

Ele – Faz bem. É muito mais prático. Um tanque é difícilimo de estacionar e gasta tanto como um avião de passageiros.

Segue-se um silêncio embaraçoso, interrompido por um solavanco que os intérpretes podem sugerir com um pequeno sobressalto.

Ele – Ah, pronto... Já aterrámos. (*Levantam-se.*) Bem, então... Foi um prazer conhecê-la.

Ela – Mas o senhor... dedica-se mesmo ao tráfico de armas?

Ele – Não. Disse aquilo para me achar detestável e eu não ficar com remorsos. Uma mulher casada... com um médico de uma ONG... É difícil competir com isso. E a senhora?

Ela – Eu?

Ele – É mesmo casada?

Ela – Bem... Na verdade, não...

Ele – É solteira e está de férias, como eu.

Ela – Vou para o complexo turístico... Não me diga que o senhor também...

Ele – Vamos todos. É um voo charter...

Ela (*com ar inocente*) – Ah, é...?

Ele – Estava mesmo a dormir?

Ela – Não... Felizmente para si. Eu ressono...

Ele – Posso oferecer-lhe uma bebida no bar, logo à noite?

Ela – Tenho o pacote tudo incluído, com bebidas à discrição. O senhor não?

Ele – Tenho... É melhor sairmos, senão o avião volta a descolar. Faz duas viagens por dia... Faça favor de passar... (*Dirigem-se para a saída.*) A senhora não esteve aqui o ano passado?

Ela – Estive...

Ele – Bem me parecia que a reconhecia...

2. Amor para sempre

Ela e Ele estão lado a lado, muito apaixonados.

Ela – Estamos bem assim, não estamos?

Ele – Sim...

Ela – Amas-me?

Ele – Sim.

Ela – Vais amar-me para sempre?

Ele – Para sempre?

Ela – Não sei... Vais amar-me durante cinquenta anos?

Ele (*aterrado*) – Cinquenta anos...?

Ela – Quarenta...? (*Ele não parece convencido.*) Vinte...? Dez...? (*Pausa.*) E um ano?

Ele – Um ano? (*Convicto.*) Ah, sim! E tu?

Ela (*hesitante*) – Um ano?

Ele – Seis meses? (*Ela hesita.*) Quinze dias? Uma semana?

Ela continua pouco convencida.

Ele – Vais amar-me até amanhã?

Ela – Amanhã de manhã? A que horas?

Ele – Não sei... Às nove, por exemplo?

Ela sorri, concordando. Beijam-se.

Ela – Ponho o despertador?

3. Autoestrada

Ele apresenta-se diante dela.

Ele – Quanto?

Ela – Trinta euros...

Ele – Super ou normal?

Ela – Ainda existe normal? Pensava que agora só havia super. *(Ele não responde.)*
Então ponha normal, para variar...

Ele – A normal é mais cara.

Ela – Ah, é?

Ele – Tornou-se muito rara. Já não se encontra em todo o lado...

Ela – Então ponha super.

Ele – Super normal ou super plus?

Ela – Qual é a diferença?

Ele – A super plus custa mais, mas consome menos.

Ela – O que me aconselha?

Ele – Consome muito?

Ela – Não sei. Ponho sempre trinta euros...

Ele – Recomendo-lhe a super plus.

Ela – Bem, então... Ateste-me o depósito. Não queria voltar a ficar sem combustível...

Ele – Quer que lhe veja os níveis e a pressão dos pneus?

Ela – É grátis?

Ele – Fica ao critério do cliente.

Ela – Mas... estamos a falar de quanto, se não é indiscrição?

Ele – Um euro, em média. Dois para os mais generosos. Cinco para os benfeitores da humanidade. Quer um cartão de fidelização?

Ela – O que é que se ganha?

Ele – Ao fim de cinco depósitos cheios, tem direito a uma lavagem gratuita.

Ela – Normalmente sou eu que o lavo...

Ele – E o que é isto? Excremento de pombo...

Ela – Acha?

Ele – Tem de limpar isso. É muito corrosivo.

Ela – O que é que posso fazer?

Ele – Pedir um cartão de fidelização.

Ela – Não passo por aqui muitas vezes. Estou de férias...

Ele – É válido em todo o lado.

Ela – Talvez para a próxima...

Ele – Pronto. São noventa e cinco euros.

Ela – Tome, fique com o troco. *(Começa a afastar-se, mas volta atrás.)* Desculpe, sabe onde estamos?

Ele – Para onde vai?

Ela – Ainda não sei.

Ele – De qualquer modo, não pode voltar para trás.

Ela – E a próxima saída fica longe?

Ele – Ui! Ainda falta muito!

Ela – Então vou continuar.

Ele – Boa viagem.

Ela *(a sair)* – Obrigada.

Ele – Ah, as mulheres...

4. Desfasamento horário

Um homem chega esbaforido diante de uma mulher com aspeto de hospedeira de bordo.

Ele – Bom dia, menina. Sou o senhor Pereira...

Ela (*consultando uma lista*) – Senhor Pereira. Sim, está aqui.

Ele – Desculpe, estou um pouco atrasado...

Ela (*amavelmente*) – É o último, de facto. Estávamos só à sua espera para descolar... Traz bagagem?

Ele – Bem, não... (*Mostrando um saco de plástico.*) Só isto... Posso levá-lo na cabina?

Ela – Claro... Classe económica, não é?

Ele (*assentindo*) – Quanto tempo demora o voo?

Ela (*a confirmar*) – Um momento, para não lhe dizer nenhuma asneira... Trinta e sete anos, exatamente. Chegará a 16 de abril de 3022, ao meio-dia, hora local...

Ele – Pensei que em abril houvesse menos gente...

Ela – Fora das férias escolares é mais barato. E por lá abril é a melhor altura. Os dias vão ficando maiores. No inverno, mal temos tempo de nos levantar e já é noite: os dias só duram cinco horas!

Ele – Já lá estive alguma vez?

Ela – Sim! Várias vezes. Nós, hospedeiras, temos descontos... Trouxe roupa quente para quando o descongelarem?

Ele – Claro.

Ela – Ainda bem que temos algumas regalias, sabe? Porque a vida de hospedeira de bordo é uma loucura... Partimos num voo qualquer de sessenta anos e, quando regressamos, temos de arranjar amigos novos. Os antigos já morreram... Ou estão decrépitos... Tem amigos?

Ele – Não.

Ela – Faz muito bem. É muito mais simples. (*O telemóvel toca e ela atende.*) Sim...? Perfeito, obrigada. (*Desliga e volta-se para o passageiro.*) Agora sim, chegou a hora. Avisaram-me de que o seu foguetão está prestes a descolar. Não lhe digo até à volta. Quando regressar, eu provavelmente já não estarei cá. Agora faço voos dentro do sistema solar. Quase não há desfasamento de anos. É muito menos cansativo.

Ele – Sobretudo quando se tem filhos...

Ela – Deixamo-los na creche e, quando voltamos do trabalho, já acabaram Medicina... Boa viagem!

Ele prepara-se para sair, esquecendo-se do saco de plástico.

Ele – Obrigado.

Ela – Ah, está a esquecer-se da bagagem de mão...

Ele – Ora, pelo que tenho lá dentro...

Ela – Tem razão. Não vale a pena ir carregado. Quando chegar, a moda já terá mudado completamente... Mais vale comprar a roupa lá...

Ele – Ah, esqueci-me de perguntar pela volta. Quando é?

Ela – A volta? Essa é uma pergunta que quase nunca me fazem... Posso dar-lhe uma estimativa, mas, sabe... Depende de como evoluir a aeronáutica entretanto...

Ele – Não se incomode. Logo vejo quando lá chegar. Bom dia...

Ela – Bom dia... Quer dizer... Boa hibernação...

Ele – Pois... Trinta e sete anos, ainda assim...

Ela – Vai ver que nem dá pelo tempo a passar. Acorda fresco como uma alface...

Ele – Desculpe perguntar, mas esta companhia é mesmo segura? Nunca houve uma quebra na cadeia de frio?

Ela – Qual quê! Está tudo muito controlado. O último incidente foi um passageiro que se enganou no voo. Ia encontrar-se com a noiva em Vénus para a lua de mel e, por distração, embarcou numa nave com destino a um planeta a quarenta anos-luz... Claro que, quando regressou, ela...

Ele – Já não estava assim tão fresca como uma alface...

Riem-se.

Ela – Vá, despache-se, senão perde o voo. E o seguinte só parte daqui a setenta anos!

Ele – Já vou...

Sai.

5. Partida de pesca

Um está a pescar. Chega uma segunda personagem.

Dois – Estão a picar?

Um – Acabei de chegar...

Dois – O que usa como isco?

Um – Miolo de pão...

Dois – Ah, sim... Já experimentou os...? Bolas, como é que se chamam...? Aqueles bichos que aparecem no queijo estragado... Os tais... Sabe do que estou a falar?

Um – Não...

Dois – Não faz mal, já me lembro...

Um – É pescador?

Dois – Não! Nunca teria paciência. Ficar horas sem se mexer, sem fazer nada, à espera que piquem... Se é que picam! Não se aborrece?

Um – É uma maneira de ter um bocadinho de sossego...

Dois – Não, eu cá prefiro a caça...

Um – É caçador?

Dois – Não. Mas, se tivesse de escolher, preferia caçar. Há mais ação e, pelo menos, faz-se exercício. Porque passar o dia sentado aqui... Não sei como aguenta.

Um – É repousante. Ouvimos a água a correr...

Dois (*a gritar*) – As larvas! No queijo! Para servir de isco! As larvas! Era essa a palavra! Já experimentou pescar com larvas?

Um – Não.

Dois – Devia experimentar.

Um – Talvez noutra ocasião...

Dois – Um safari... Isso é que eu gostava... No Quénia, por exemplo. Conhece o Quénia?

Um – Não.

Dois – Caça grossa. Dez elefantes a avançarem sobre si. Pum! Mesmo entre os olhos! E depois é melhor sair da frente para a manada não o esmagar.

Um – Agora é proibido caçar elefantes...

Dois – Sim, vi um documentário. Dizem que estão a multiplicar-se outra vez. E cada vez mais agressivos! Atacam as pessoas sem motivo. Investem contra tudo o que mexe. Já houve mortos! Dizem que é porque se lembram de serem caçados há décadas. Os que sobreviveram coxos, sem uma orelha ou com uma bala na tromba. E as crias que viram os pais serem massacrados. Mesmo cinquenta anos depois, lembram-se e atacam assim que veem passar um todo-o-terreno por perto... É que os elefantes vivem muitos anos. E têm uma memória extraordinária... Não picou ali um?

Um – É o vento...

Dois – E o que faz quando apanha um? Come-o?

Um – Devolvo-o à água...

Dois – Então realmente não serve para nada... Mas devem ficar um bocado maltratados quando os devolve, não? Ter um anzol a atravessar-nos a bochecha não deve ser agradável... (*O outro mantém-se impassível.*) Dizem que comer peixe faz bem à memória. Acha que os peixes têm memória?

6. Excesso de lentidão

Um homem aproxima-se de outro (ou de uma mulher).

Um – Os documentos, por favor.

O segundo entrega-lhe os documentos.

Dois – Faça favor.

O primeiro examina-os.

Um – Sabe a que velocidade circulava?

Dois (*contrito*) – Nem dei por isso...

Um – E não é a primeira vez.

Dois – Prometo-lhe que será a última.

Um – Tem noção do que fez? Doze quilómetros por hora na autoestrada! Podia ter provocado um acidente gravíssimo! O que tem a dizer em sua defesa?

Dois – Não tinha pressa...

Um – Está a gozar comigo?

Dois – Juro-lhe que não! Na verdade... É uma espécie de fobia... Sempre que parto de viagem, fico angustiado com a chegada...

Um – Quer dizer, com a possibilidade de não chegar...

Dois – Não, com a chegada! Acontece-me o mesmo no avião...

Um – Tem medo de voar?

Dois – De maneira nenhuma. Tenho medo de aterrar... Bem, não da aterragem em si, mas do fim da viagem. Aterroriza-me. Fico tão nervoso que era capaz de desviar o avião para impedir que aterrasse. Mas não servia de nada. Mesmo que andássemos às voltas sobre o aeroporto, acabaríamos por ficar sem combustível e teríamos de fazer uma aterragem de emergência, não é?

Um – Sim...

Dois – A menos que nos reabastecessem em pleno voo...

Um – Sim...

Dois – A si não lhe acontece nada parecido com a mota?

Um – Não...

Dois – Quando era pequeno, adorava os carrosséis... Como andam às voltas, sabemos que nunca chegamos a lado nenhum... Eu andava sempre na plataforma giratória. Além de dar voltas ao carrossel, rodava sobre si mesma... No fundo, não é esse o movimento universal? Os planetas giram sobre si próprios e à volta do Sol. Dizem que o mundo anda às avessas. É mentira! Não há nada que dê mais voltas do que o universo... E o senhor?

Um – Eu...?

Dois – Em que é que andava no carrossel?

Um – Na mota...

Dois – Já nessa altura...

Um – Na verdade, era o meu pai que me punha montado na mota.

Dois – E, no entanto, as motas são muito perigosas.

Um – Eu gostava era de andar na carruagem em forma de abóbora...

Dois – Na abóbora?

Um – Sabe, a carruagem da Cinderela... E, mesmo de mota, nunca conseguia apanhá-la... No carrossel, quero eu dizer...

Dois – Lembra-se da Mary Poppins?

Um – Mary Poppins...?

Dois – Do filme! (*Horrorizado.*) Aquela cena em que os cavalos de madeira se soltam do carrossel, galopam pelos campos e acabam numa pista de corridas, a avançar desenfreados para a meta, com espuma na boca...

Um – Espuma na boca? Tem a certeza?

Dois – Para mim, era mais assustador do que O Exorcista!

O outro olha para ele por instantes, perplexo.

Um – Bem...

Devolve-lhe os documentos.

Um – Ao menos não bebeu, pois não?

Dois – Juro-lhe que não...

Um – Vá, desta vez deixa passar. Pode circular...

Dois – Circular...?

Um – E um bocadinho mais depressa!

Dois – Não preferia tirar-me a carta de condução...?

O outro dirige-lhe um olhar de reprovação.

Dois – Está bem, já vou...

Faz menção de se ir embora.

Dois – E o senhor também não ande depressa demais de mota...

Volta-se uma última vez.

Dois – A circular ainda fica longe?

Um – Mesmo a cento e trinta à hora, demorava mais de uma hora...

Dois – E a próxima saída vai dar onde?

Um – À esquadra...

7. Fora de época

Um homem (ou uma mulher) vestido de verão — calções e camisa havaiana, talvez até fato de banho — aproxima-se de um vendedor de gelados que usa roupa para o frio extremo: um anoraque grosso e botas de neve.

Um – Bom dia. Os seus gelados são bons?

Dois – São artesanais. Quantas bolas?

Um – Que sabores tem?

Dois – Ora bem... baunilha, chocolate, dente-de-leão, avelã, morango, mostarda, groselha-negra, menta com lascas de chocolate preto, maracujá, limão, chucrute com pedacinhos de salsicha, violeta, rosa, crisântemo, papaia, anchova, praliné, coco, framboesa, cereja, pedacinhos de bacalhau, maçã, caramelo, lixívia, banana, salpicão, laranja, tangerina, aspirina, rum com passas, cuspo envelhecido, ostra, ovas de peixe, bife tártaro, ananás, kiwi... Ah, não, já não tenho de kiwi.

Um – Vou provar chocolate com bacalhau, para variar.

Dois – Duas bolas, então.

Um – Melhor três. Ponha-me duas de bacalhau.

O vendedor entrega-lhe o gelado. O cliente prova-o.

Um – Sente-se mesmo o sabor a peixe, não é?

Dois – Fazemos nós próprios.

Um (*fazendo uma careta*) – Ui, uma espinha...

Tira a espinha.

Dois – É o que acontece com os gelados artesanais...

Um – Hum... E o negócio, vai bem?

Dois – Depende do sabor... Com este frio, o de lentilhas com toucinho é o que mais se vende. No inverno até aquece. Aliás, já esgotou... Está de férias?

Um – Não, estamos a rodar um filme aqui perto. Sou ator. Bem, figurante...

Dois – Ah, sim? E que filme é?

Um – Sol, praia e sorrisos, quinta parte. Fica mais barato filmar no inverno. O complexo turístico está fechado.

Dois – Claro. Como eu. Comprei este stock de gelados por tuta e meia. Em tempos de crise é preciso adaptar-nos, surpreender, aparecer onde ninguém espera. No verão vendo castanhas assadas na praia...

Um – Já percebi... No próximo verão vou fazer figuração em Sol, praia e esqui, quarta parte. Filmamos numa estância de montanha com neve artificial. Que calor faz lá em cima no verão, com o fato de esqui acolchoado! Bem, tenho de voltar. Já devem ter acabado de descongelar a piscina. É assim todos os dias. O tempo que perdemos com isto...!

8. Tempo perdido

Dois arqueólogos estão a fazer uma escavação.

Um – Acho que desta vez encontrámos alguma coisa...

Dois – Do passado ou do futuro?

Um – Do futuro anterior, diria eu.

Desenterram um objeto e levantam-no. É um relógio.

Dois – Que raio será isto?

Um – Não faço ideia.

Dois – Tem números...

Um – E ponteiros...

Dois – Três...

Um – Um deles mexe-se.

Dois – Dá voltas em círculo...

Um – Para que servirá...?

Dois – Pode ser perigoso...

Um – Achas?

Dois – É melhor não lhe tocar...

Um – Um bocadinho tarde para isso.

Dois – Os outros ponteiros também parecem mexer-se. Mas muito mais devagar.

Um – Ah, pois é...

Dois – Será um jogo?

Um – Não parece muito divertido.

Dois – Um instrumento de medição?

Um – Para medir o quê?

Dois – Quem sabe...

Um – A não ser que seja um objeto ritual...

Dois – Ou uma obra de arte.

Um – Muito decorativo é que não é...

Dois – É melhor voltarmos à nave. Já são cinco e trinta e dois...

Um – Que curioso.

Dois – O quê?

Um – O ponteiro pequeno aponta para o cinco e o grande para o trinta e dois...

Dois – Achas que este aparelho indica as horas?

Um – Quem sabe...

Dois – Mas para que serve uma máquina que nos diz em que momento estamos? É como pôr um cartaz a dizer «Está aqui». Isso já sabemos!

Um – Nós sabemos...

Dois – Uma civilização primitiva que precisava de máquinas para se situar no presente?

Um – É possível.

Dois – Imagina. Acordar a meio da noite e nem sequer saber que horas são. Ter de consultar uma máquina para descobrir se já é hora de se levantar...

Um – Temos uma profissão fascinante...

Dois – E como é que recuavam no tempo?

Um – Talvez rodassem os ponteiros ao contrário? (*Tenta fazê-los recuar, sem conseguir.*) Não, só giram num sentido. Parece que aquela gente só conseguia viajar para o futuro.

Dois – Sem marcha-atrás. Imagina! Não podiam cometer erro nenhum...

Um – Devia ser uma civilização muito primitiva.

Dois – Vá, vamos embora. Já nem sei onde estamos.

O outro consulta uma espécie de relógio que traz no pulso.

Um – Longitude 23234, largitude 43722, profundidade 65840...

Dois – Mas, pensando bem, nós não precisamos de máquinas para saber as horas... E se aquela gente soubesse sempre onde estava?

Um – Só de pensar nisso?

Dois – Ou talvez vivessem num espaço muito pequeno.

Um – Tão pequeno que sabiam sempre onde estavam, bastando olhar à volta?

Dois – Não sei... Imagina que o espaço onde viviam não era liso como o nosso, mas tinha irregularidades...

Um – Como picos, falhas e precipícios?

Dois – Exatamente... Acidentes que lhes permitiam orientar-se no espaço com a mesma facilidade com que nós nos orientamos no tempo.

O outro sorri condescendentemente.

Dois – Uma ideia idiota, eu sei...

Um – Andaste a fumar alguma coisa...?

Dois – Este aparelho dá-me arrepios. Não te assusta?

Um – Sim...

Dois – E se o deixássemos onde estava?

Um – Não me atrevia a sugerir isso...

Pegam no relógio e voltam a colocá-lo no lugar.

Dois – Antes que ganhemos maus hábitos...

Um – E acabemos por não conseguir viver sem ele.

Acabam e trocam um olhar.

Um – Prontos para a teletransportação?

Dois – Quando quiseres.

Um – Tens muita imaginação, sabes? Devias ter-te dedicado à filosofia em vez de à arqueologia do tempo...

Desaparecem.

9. Perdido de vista

Ele e Ela surgem claramente perdidos e exaustos.

Ela – Não passámos já por aqui? Parece-me que nos abrigámos debaixo deste carvalho há quinze minutos...

Ele – Bem, todas as árvores são parecidas. Já agora, como sabes que é um carvalho?

Ela – Há bolotas no chão...

Ele – Talvez fosse melhor sentarmo-nos e esperar...

Deixa-se cair no chão, desanimado.

Ela – Esperar por quê? Estamos no parque da cidade, não na floresta amazónica! Achas mesmo que a polícia vai organizar uma operação de salvamento só porque esta noite encontra o nosso carro sozinho no parque de estacionamento?

Ele não responde. Ela também se senta, resignada. Ele fixa algo à sua frente.

Ela – Para onde estás a olhar com tanto interesse?

Ele – Aquele corvo... Tenho a sensação de já o ter visto...

Ela – Ah, vês? Era o que eu dizia... Já passámos por aqui!

Ele (*pensativo*) – Quando eu era pequeno, o meu pai trouxe para casa uma cria de corvo, uma noite. O meu pai era lenhador. Tinha cortado uma árvore e, claro, o ninho caiu... Dava-lhe de comer com uma colher de chá. Nem imaginas o barulho que faz um corvo bebé quando tem fome. Ao princípio mal me atrevia a aproximar-me. Mas fui-o domesticando pouco a pouco. Seguia-me para todo o lado como um cachorrinho.

Ela – A pé?

Ele – Devia pensar que eu era a mãe. Como nunca me via voar, também não lhe ocorria começar a voar.

Ela olha para ele como se começasse a achar que está a delirar.

Ele – Roubava os lápis da secretária do meu pai e enterrava-os no jardim. Ríamo-nos muito...

Ela (*perplexa*) – Hum...

Ele – E depois, pouco a pouco, aprendeu a usar as asas!

Ela (*desconcertada*) – Como?

Ele – Ao princípio dava só uns saltinhos. De uma cadeira do jardim para outra... E depois da cadeira para uma árvore...

Ela – Deve ter visto outros corvos a voar e teve a ideia...

Ele – Ao princípio só desaparecia um ou dois dias... Sabíamos que voltava... Até que um dia foi-se embora para sempre e nunca mais o vimos. Regressou à vida selvagem...

Ela – Ou talvez algum caçador o tenha abatido. Como não tinha medo das pessoas...

Ele *(sem a ouvir)* – Desde então, sempre que vejo um corvo, pergunto-me se não será o Babac...

Ela – Babac...?

Ele – Era assim que lhe chamávamos...

Ele continua a olhar para o corvo, sonhador. Ela observa-o cada vez mais perplexa.

Ela – Mas o teu corvo já deve ter morrido há imenso tempo!

Ele – Não penses isso. Um corvo pode viver mais de cem anos...

Ela levanta-se para quebrar o encanto.

Ela – Bem, não quero interromper este reencontro comovente, mas talvez devêssemos pensar em regressar. Está a anoitecer...

Ela olha na direção do corvo.

Ele *(desiludido)* – Foi-se embora a voar... Talvez não fosse ele...

Ela parece aliviada por ele voltar à razão.

Ele – Ou talvez tenhas sido tu a assustá-lo...

Saem.

Ela – Tens a certeza de que é por aqui? Eu ainda não estou preparada para regressar à vida selvagem...!

10. Amor à primeira vista

Entra um homem com aspeto de caixeiro-viajante, de pasta na mão. Espera, sem saber muito bem o que fazer, e aproveita para observar discretamente o local. Parece encantado com o que vê. O telemóvel toca e ele atende.

Ele – Sim...? Sim, querida... Já cá estou... Não, a agente imobiliária ainda não chegou. Vim um bocadinho cedo. Uma oportunidade destas... Queria ser o primeiro. Sim, ela disse-me que havia outro interessado... Não, estava aberto, por isso entrei... Garanto-te que é magnífico. Foi amor à primeira vista. Acho que desta vez encontrámos a casa certa. E por este preço... Parece que os proprietários têm pressa. Um divórcio... Desculpa, tenho de desligar, acho que ela vem aí... Sim, ligo-te depois. Adeus...

Entra uma mulher vestida de modo semelhante, com ar profissional e também com uma pasta na mão.

Ela – Bom dia... O senhor é...?

Ele – Sim...

Ela – Estacionei num lugar reservado a pessoas com deficiência, mas pronto... Não vamos demorar...

Ele – Não, claro...

Ela observa a sala. Ele parece surpreendido.

Ela – Ah, sim, é...

Ele – É a primeira vez que a vê...?

Ela – Sim... Porquê?

Ele – Por nada, eu...

Ela – Não é muito grande, é verdade, mas enfim...

Ele – Para um casal...

Ela – Sim.

Ele – Tem bastante espaço para arrumação...

Os dois parecem ligeiramente constrangidos.

Ela – Por este preço, temos de reconhecer que é uma oportunidade a não perder.

Ele – Sim...

Ela – O senhor... Já trabalha nisto há muito tempo?

Ele – Nisto?

Ela – É novo, não é?

Ele – Bem...

Ela (*divertida*) – Nota-se um bocadinho...

Ele – Ah, sim...?

Ela – Não é muito... Mas até sabe bem, para variar. Andamos há seis meses à procura, sabe? Nesta altura já conhecemos de cor o discurso dos agentes imobiliários. É agradável ouvir algo diferente...

Ele – Sem dúvida...

Ela – E um apartamento destes, a este preço... Quase se vende sozinho...

Ele – Não...

Ela (*continuando a visita*) – Ah, sim, é... Muito luminoso...

Ele – Sim, bem...

Ela – Desculpe?

Ele – Sobretudo de dia...

Ela – Sim... De noite deve ser um pouco mais escuro...

Ele – Bem, não tenha tanta certeza.

Ela – Não?

À procura de qualquer coisa para criticar, ele coloca-se diante de uma janela imaginária.

Ele – Viu o letreiro de néon no telhado em frente...?

Ela – Ai, não...

Ele – É da discoteca lá em baixo! Antes de se deitar, é melhor fechar as persianas...

Ela – Ah, pois...

Ele – O problema é que... não há persianas.

Ela – Pois...

Ele – Mas, se tiver insónias, pode ler até de manhã sem acender a luz. Sofre de insónias?

Ela – Às vezes...

Ele – Pelo menos não a acordam às quatro da manhã os clientes que saem da discoteca, a fumar e a gritar antes de regressarem a casa meio bêbados.

Ela – Julgava que era a primeira vez que cá vinha... Parece conhecer muito bem o bairro...

Ele – Deformação profissional... No nosso ofício depressa identificamos esses pequenos inconvenientes que os compradores ingénuos só descobrem depois de assinar...

Ela – O pé-direito é bastante alto...

Ele – Sim...

Ela – Não acha...?

Ele – Sim, sim... Essa sensação de espaço é muito agradável...

Ela – Sim...

Ele – Mas também é preciso pensar no aquecimento...

Ela – No aquecimento...

Ele – Com orientação a norte... Agora é verão, mas imagine em dezembro...

Ela – Acha?

Ele – Se fosse aquecimento a gás, ainda vá...

Ela – Sim...

Ele – Mas elétrico...

Ela – Pois...

Ele – Além disso, só há um radiador...

Ela – Hum...

Ele – E nem sequer é muito grande.

Ela – Não...

Ele – Sabe-se lá se funciona.

Ela (*intrigada*) – O senhor trabalha à comissão?

Ele – Não. Porque pergunta?

Ela – Por nada... Bem, de dia parece bastante sossegado, não?

Ele (*voltando a olhar pela janela*) – Olhe, ali... Vê aquilo à direita?

Ela – O quê?

Ele – A escola!

Ela – Ah, sim... Ainda não temos filhos, mas... Até nos dava jeito ter uma escola perto...

Ele – Hum...

Ela – Não?

Ele – Espere pela hora do recreio...

Ela – Quer dizer...?

Ele – A senhora não trabalha a partir de casa, pois não?

Ela – Trabalho... Sou tradutora...

Ele – Acredite, viver ao lado de uma escola é ótimo para quem passa o dia fora. Mas, se precisa de sossego para trabalhar em casa...

Ela – Assim tanto?

Ele – Há quanto tempo não põe os pés num recreio de escola?

Ela – Não sei...

Ele – Acredite, mais vale viver ao lado de uma central nuclear do que ao lado de uma escola...

Ela – Ah, sim?

Ele – Faz menos barulho...

Ela – Mas... Porque é que me está a contar tudo isto? O seu trabalho não é vender apartamentos?

Ele – A senhora inspira-me simpatia. Não sei porquê... Não queria que... E há de aparecer outro comprador ingênuo...

Ela – Obrigada pela sua sinceridade... Fiquei comovida...

Ele – Não tem de quê.

Ela – E a sanita?

Ele – Na casa de banho...

Ela – Assim aproveita-se melhor o espaço.

Ele – Mas não é muito prático... Sobretudo se está a pensar aumentar a família.

Ela – Tem razão... Talvez deva pensar um pouco melhor...

Ele – Leve o tempo que precisar... De qualquer maneira, não creio que um apartamento destes se venda depressa...

Ela – Obrigada... Bem, vou-me embora... Estacionei num lugar reservado a pessoas com deficiência...

Ele – Sim... Acho que há um hospital psiquiátrico não muito longe daqui...

Ela pergunta-se se ele não terá fugido de lá.

Ela – O senhor é um agente imobiliário muito estranho...

Ele – Acha...?

Ela (*inquieta*) – Vou-me embora...

Ele – Muito bem... *(Ela sai. Ele volta a olhar para o apartamento, agora muito menos convencido. O telemóvel toca.)* Sim...? Ah, és tu... Não, não era a agente imobiliária, era... Olha, agora não posso falar. A agente deve estar a chegar. Só te posso dizer que já somos os únicos interessados... *(A tentar convencer-se.)* Ótimo, não é? O apartamento...? Bem... Estou a começar a perguntar-me se será tão bom como me pareceu... Sim, sei o que disse, mas... Às vezes apaixonamo-nos à primeira vista e... Não, não estou a falar de ti! Estou a falar do apartamento! Depois falamos. Vem alguém a subir as escadas...

Para sua surpresa, quem regressa é a mulher.

Ela – Acredita no amor à primeira vista...?

Ele fica sem palavras. Ela aproxima-se e beija-o apaixonadamente. Ao longe ouve-se, cada vez mais alto, o alvoroço das crianças no recreio. A luz apaga-se, dando lugar aos clarões do letreiro de néon.

11. Contratempo

Ela está sentada a ler. Ele aproxima-se hesitantemente.

Ele – Bem... Desculpe incomodá-la, mas...

Ela – Sim?

Ele – Queria perguntar-lhe se me podia dizer as horas, por favor.

Ela – Lamento, mas o meu relógio parou.

Ele – Ah...

Ela – Deve ter ficado sem pilha.

Ele – Que contratempo...

Ela – Pois.

Ele – Bem, não a incomodo mais.

Ela – Hum...

Ele está prestes a afastar-se, mas muda de ideias.

Ele – Ao menos podia dizer-me que horas marcava quando parou?

Ela – Bem... Sim, porque não?

Ele – Já me dava uma ideia...

Ela – Uma ideia?

Ele – Uma ideia... de que horas poderão ser agora.

Ela – Ah, sim...

Ele – Por exemplo, se tivesse parado às três e vinte e oito, pelo menos eu sabia que agora já passava das três e vinte e oito...

Ela (*olhando para o relógio*) – Parou às três e meia...

Ele – Obrigado. Sempre é alguma coisa... Agora sei de certeza que já passa das três e meia...

Ela – Sim...

Ele – Desculpe mais uma vez o incómodo...

Ela – Não faz mal.

Ele prepara-se para sair, mas volta a parar.

Ele – Tem a certeza de que o relógio parou mesmo?

Ela – Tenho, absoluta...

Ele – Desculpe, mas como pode ter tanta certeza?

Ela – Não sei, é que...

Ele – Às vezes temos a sensação de que o tempo passa muito devagar... Ou de que nem passa... Pelo menos durante algum tempo...

Ela – É verdade, mas...

Ele – Quando estamos aborrecidos, por exemplo...

Ela – Pois...

Ele – Olhamos para o relógio e parece que ficou parado, mas na realidade...

Ela – Hum...

Ele – Estava muito aborrecida... enquanto esperava?

Ela – Enquanto esperava o quê?

Ele – Não sei, eu... Não quero perguntar o que está à espera... Ou de quem.

Ela – Não propriamente... Tenho o meu livro...

Ele – Então receio bem que o seu relógio esteja mesmo avariado...

Ela – Sim... Há pelo menos meia hora que marca três e meia... Disso não tenho dúvidas...

Ele – Um momento... Disse meia hora?

Ela – Mais ou menos, sim...

Ele – Como sabe?

Ela – Bem... Já tive tempo de ler três capítulos do meu livro...

Ele – Então, se parou às três e meia há cerca de meia hora, devem ser quase quatro horas.

Ela – Sim, mais ou menos...

Ele – Sabe ao certo se demora exatamente dez minutos a ler um capítulo?

Ela – Exatamente, não... Depende do tamanho dos capítulos...

Ele – Ah... E, a julgar pela espessura do livro, suponho que sejam bastante maiores do que a média...

Ela – Sim, talvez...

Ele – Hum... Portanto, já pode passar das quatro.

Ela – Ah, não, isso de certeza que não!

Ele – Não? Porque tem tanta certeza?

Ela – Bem... É que tenho um encontro marcado...

Ele – Ah...

Ela – Às quatro em ponto...

Ele – Mas talvez a pessoa com quem combinou esteja atrasada.

Ela – Não me parece.

Ele – E porquê?

Ela – É o primeiro encontro... Um homem nunca chega atrasado ao primeiro encontro, pois não? Em geral...

Ele – E, em geral, uma mulher também nunca chega antes da hora. Sobretudo ao primeiro encontro...

Ela – Ah, sim? Porquê?

Ele – Para não parecer completamente desesperada, suponho...

Ela – Sim, claro...

Ele – Mas disse-me que já está aqui há uma boa meia hora, não foi?

Ela – Sim...

Ele – Está a ver? Nestas coisas não convém confiar muito nas generalizações...

Ela – E porque é que precisa tanto de saber as horas?

Ele – Eu também tenho um encontro às quatro. E, como sou muito pontual...

Ela – Se é assim tão pontual, não seria boa ideia usar um relógio?

Ele – Ah, mas eu tenho um!

Ela – Também está avariado?

Ele – Não! Pelo menos que eu saiba...

Ela – Então porque me perguntou as horas?

Ele – Precisamente... Para confirmar que o meu não tinha parado, como o seu.

Ela – Então pode dizer-me que horas são?

Ele – Claro... Quatro e seis, exatamente. E pode confiar em mim: é um relógio suíço...

Ela – Obrigada...

Ele – Tenho-o há anos. Foi o meu padrinho que mo ofereceu quando eu era novo. Morreu de ataque cardíaco, mas o relógio nunca parou uma única vez!

Ela – E quando a pilha acaba?

Ele – Não tem pilha! Dou-lhe corda todos os dias às oito em ponto da noite!

Ela – Bem... Obrigada por me dizer as horas...

Ela levanta-se.

Ele – Já vai embora?

Ela – Disse que são quatro e seis. Não quero dar a impressão de estar à espera. Tínhamos combinado às quatro...

Ele – Compreendo... Bem, adeus... E desculpe mais uma vez o incómodo...

Ela sai. Ele fica sozinho.

Ele – Dou-lhe mais cinco minutos... Até às quatro e onze... Mas não gosto de mulheres pouco pontuais. Sobretudo num primeiro encontro...

Pausa

Uma personagem está de pé, sem fazer nada. Chega outra e cumprimenta-a.

Um – Bom dia.

Dois – Olá.

Um – Sou o autor. Estou a descansar um bocadinho.

Dois – A descansar? Uma representação ao vivo é como a vida: não tem botão de pausa...

Um – Nem sequer há um intervalo para publicidade. *(Tira um maço de cigarros e oferece um.)* Um cigarro? Ajuda a passar o tempo... Faz mal à saúde, mas resolve o problema das pensões.

Dois – Obrigado. Não fumo.

Um – Ah... Desculpa. *(Guarda o maço.)* Estás desempregado?

Dois – De vez em quando.

Um – E nunca te aborreces?

Dois – Sabes o que se costuma dizer...

Um – O mais difícil nesta profissão é esperar.

Dois – Isto vai entrar na peça?

Um – O quê?

Dois – O que estamos a dizer agora.

Um – Ah, bem... Ainda não sei. Depende.

Dois – De quê?

Um – Do interesse desta nossa conversa, suponho. Tens alguma coisa interessante para dizer?

Dois – Mas o autor és tu.

Um – Sim.

Dois – Bem, isso é o que tu dizes.

Um – Pois...

Dois – Costumas escrever de noite?

Um – Não. Porquê?

Dois – Tens um ar cansado...

Um – Deito-me cedo e levanto-me tarde. Escrevo sobretudo ao fim da manhã. Às vezes, se me vem a inspiração, volto a escrever depois da sesta. *(Consulta as horas.)* Bem, não é que me estejas a aborrecer, mas é melhor voltar ao trabalho.

Dois – Sim, também acho.

Um – Obrigado pela companhia. Gostei de falar contigo.

O autor estende a mão ao outro, para se despedir. O outro hesita um instante, mas aperta-lha.

Um – Tens a mão fria.

Dois – És mesmo escritor?

Um – Porquê?

Dois – Isto não parece ir a lado nenhum, pois não?

Um – Tu também não ajudas muito... Sim, eu sei que sou o autor. Mas dizem que, quando se cria uma boa personagem, basta deixá-la falar...

Dois – Quem quer livrar-se do cão arranja sempre uma desculpa... E essa coisa de fazer teatro dentro do teatro já está mais do que vista, não? Quando um autor começa a falar da escrita, normalmente é porque ficou sem nada para dizer...

Um – Bem... (*Afasta-se, para si.*) Acho que vou cortar esta cena...

12. Frente a frente

Olham-se discretamente, de soslaio.

Um – Nós conhecemo-nos...?

Dois – Não sei...

Um – Desculpe, parecia-me...

Dois – Não tem de pedir desculpa. Pensei o mesmo. A sua cara é-me familiar...

Um – Onde é que nos poderemos ter visto?

Dois – Mora por aqui?

Um – Não muito longe. E o senhor?

Dois – Estava a passear o meu pássaro...

Um – Talvez nos tenhamos cruzado aqui...

Dois – Ou noutro sítio...

Silêncio.

Um – É curioso. Tenho mesmo a sensação de que nos conhecemos...

Dois – Vemos tanta gente...

Um – Bem, tenho de ir andando...

Dois – Foi um prazer conhecê-lo.

Um – Igualmente!

O primeiro prepara-se para sair, mas detém-se.

Um – Ah, já agora, chamo-me Pedro... Para o caso de nos voltarmos a encontrar por aqui...

Dois – Pedro? Que coincidência. Eu também...

Um – Também não é um nome muito original...

Dois – Pedro quê?

Um – Pedro Silva.

Dois – Não me diga! Tal e qual como eu!

Um – Então somos homónimos!

Dois – Mas continuamos sem saber onde é que já nos vimos...

Um – Bem, então... Vou andando...

Dois – Eu também.

Um – Para onde vai?

Dois – E o senhor?

Um – Por aqui.

Dois – Então vou consigo. Passe primeiro.

Um – Obrigado.

Vão-se embora.

Um – Vamos, Babac!

Dois – Não pode ser! Esse corvo é seu?

Um – É, porquê?

Dois – Também é meu!

Um – Bem me parecia que a sua cara não me era estranha...

Saem.

13. 107 anos

Uma cela de prisão. Um recluso está sem fazer nada. Entra outro preso, mais novo.

Jovem – Olá.

Velho – Olá.

O jovem dá alguns passos para se familiarizar com o local.

Velho – Não vou mostrar-te as instalações...

Jovem – Está aqui há muito tempo?

Velho – Nem sei. Perdi a conta. Aqui também não se está assim tão mal, vais ver. Sei que ainda me falta muito tempo, mas parece-me que cheguei ontem... Quantos anos apanhaste?

Jovem – Dez anos... E o senhor?

Velho – Cento e sete.

Jovem (*impressionado*) – Cento e sete anos? Porquê?

Velho – Burla.

Jovem – É muito por uma burla...

Velho – E tu?

Jovem – Matei um polícia...

Velho – Pois não é muito por matar um polícia...

Jovem – Foi uma burla muito grande...?

Velho – Cento e quinze milhões.

Jovem – A quem se consegue burlar tantos milhões, a não ser a outro burlão? A um banco? A uma seguradora?

Velho – À lotaria nacional.

Jovem – Ah, estou a ver...

Velho – Nunca saíam os números que eu escolhia. Por isso arranjei maneira de os números premiados serem os meus...

Jovem – E como é que isso se faz?

Velho – Um mágico nunca revela os seus segredos. Se os contasse, a magia perdia a graça...

O velho faz um pequeno truque de magia, com maior ou menor sucesso.

Jovem – Cento e sete anos...

Velho – Ora, não os vou cumprir todos.

Jovem – Tem algum truque para fugir?

Velho – Infalível. Quanto tempo achas que vais ficar aqui, a sério?

Jovem – Com a liberdade condicional, talvez saia ao fim de cinco anos.

Velho – Pois eu saio primeiro. Queres apostar?

Jovem – O senhor burlou a lotaria nacional...

Velho – Com a minha idade, saio até pela porta principal. De pés para a frente...

Jovem – Desculpe perguntar, mas para que queria roubar cento e quinze milhões com a sua idade?

Velho – É verdade. Na minha idade já não há muito a ganhar... Mas também não há nada a perder. Na pior das hipóteses, acabava na prisão em vez de num lar. E aqui, pelo menos, estou rodeado de gente nova... Porque mataste o polícia?

Jovem – Era amante da minha mulher...

Velho – Ah, que azar... Se fosse talhante, só te tinham dado três anos. E tu, o que fazias? Antes, quero eu dizer...

Jovem – Era relojoeiro.

Velho – Ah... Aqui é melhor não olhar muito para o relógio... Eu tenho um Rolex. Precisão suíça. Foi a única coisa que me deixaram ficar. Não sei porquê. Bem, calculo... (*Consulta o relógio.*) Desculpa um instante. Está na hora do sorteio...

Tira um pequeno rádio e encosta-o ao ouvido.

Jovem (*surpreendido*) – Ainda joga na lotaria?

Velho – Os velhos hábitos custam a perder... O pior é que já não posso sair para comprar um bilhete.

Jovem – E para que joga, se não pode apostar?

Velho – Para passar o tempo! Já me disseste que não tenho nada a ganhar. Mas ninguém me pode impedir de jogar... Na semana passada acertei em quatro números...

Jovem – Quanto ganhou?

Velho – Dezanove euros... Queres escolher uns números comigo? Dividimos o prémio... (*O jovem mostra-se cético.*) Vais ver. Vais ser milionário na tua imaginação...!

14. Lição de vida

Uma pessoa mais velha e outra mais nova, de qualquer sexo.

Velho – Então, o que queres ser quando fores grande?

Jovem – Não sei... E tu, o que querias ser quando eras novo?

Velho – Já lá vai tanto tempo... Isto, de certeza que não!

Jovem – E o que fazes agora?

Velho – Bah, nada de muito interessante. Às vezes até me pergunto se vale a pena... Mas alguém tem de o fazer...

Jovem – Porquê...?

Velho – Não percebes? Há uma fila de gente à espera do meu lugar! Ah, se pudesse começar de novo... Ter a tua idade e saber o que sei hoje...

Jovem – O que farias?

Velho – Quem sabe. De certeza que não teria acabado onde estou... Mas já vi demasiado. Obrigaram-me a ver coisas a mais. Quando somos novos, temos vontade, temos fé... Agora já não me resta nenhuma ilusão. Vais ver quando tiveres a minha idade...

Jovem – O que é que vou ver?

Velho – Hás de descobrir. Estas coisas não são fáceis de explicar... Mas tens sorte. Eu, com a tua idade, nem sequer podia fazer essas perguntas.

Jovem – Que perguntas?

Velho – Vá, vai estudar. Se não queres acabar como eu...

Jovem – Tu não estudavas?

Velho – Estudava...

Jovem – Então para que serve estudar?

Velho – Faz o que te digo. Quando fores grande, hás de perceber... E ainda me vais agradecer... (*Afasta-se.*) Estes miúdos de hoje... É preciso explicar-lhes tudo...

15. Memória cache

Ela e Ele beijam-se demoradamente. Depois afastam-se um pouco e olham em frente.

Ela – Isto faz-te lembrar alguma coisa?

Ele – Não... E a ti?

Ela – Também não.

Ele – É a primeira vez.

Ela – Pois não foi nada inesquecível.

Ele – A primeira vez não tens com que comparar. Não podes recordar nada.

Ela – A primeira vez não a recordas. Apenas a guardas na memória.

Ele – O que é a memória?

Ela – Não sei...

Ele – O que é esquecer?

Ela – Não me lembro...

Ele – Recomeçamos?

Ela – Está bem.

Beijam-se novamente e afastam-se.

Ele – E agora? Faz-te lembrar alguma coisa?

Ela – Tenho uma vaga sensação de déjà vu.

Ele – Eu também.

Ela – Agora sim, já me lembro.

Ele – É um começo.

Ela – Sim.

Ele – É a segunda vez.

Ela – Então já não é um começo.

Ele – Da primeira vez não sabemos que é o começo. Ainda não temos recordações.

Ela – Para que serve recordar?

Ele – Para passar o tempo.

Ela – E no fim? Como sabemos que é a última vez?

Ele – Nunca sabemos.

Ela – Era preciso poder recordá-la depois.

Ele – Só conseguimos recordar a penúltima vez.

Ela – É a vida.

Ele – Pois. Entre a segunda vez e a penúltima.

Ela – A vida é aquilo de que nos lembramos quando olhamos para trás.

Ele – Uma história sem pés nem cabeça.

Começam a afastar-se, cada um para seu lado.

Ela – Lembramo-nos de telefonar um ao outro?

Ele – Ou apagamos a memória cache?

16. Recordações

Um idoso está sentado, apoiado num guarda-chuva. Chega uma idosa, senta-se a seu lado e dá-lhe a mão. Ele deixa, um pouco surpreendido.

Ela – Que sossego... Estamos bem assim, não estamos?

Ele (*assentindo*) – Sim...

Desfrutam daquele momento de serenidade.

Ela – Lembras-te das nossas primeiras férias?

Ele – Não...

Ela – E agora, para nós, todos os dias são férias...

Ele – Sim...

Ela – Já tomaste os comprimidos?

Ele (*surpreendido*) – Não...

Ela (*entregando-lhe uma caixa*) – Toma, trouxe-tos.

Ele – Obrigado... (*Toma um comprimido e examina a caixa.*) Estes são para o coração...

Ela – Sim...

Ele – Os meus são para a memória...

Ela – É que estes são os comprimidos do meu marido...

Ele – Então eu não devo ser o seu marido...

Ela olha para ele, ofendida, solta-lhe a mão e levanta-se.

Ela – Podia ter-me dito mais cedo!

Afasta-se, zangada. Ele fica a vê-la partir.

17. Projetos de futuro

Uma rapariga está sentada num banco, a olhar em frente. Aos poucos, percebemos que observa o casal da cena anterior. Chega um rapaz e senta-se a seu lado sem dizer nada. Permanecem algum tempo em silêncio, a olhar em frente.

Ela – Imaginas como seremos quando tivermos a idade deles?

Ele – Não...

Ela – Ela está toda arranjada. Até se maquilhou...

Ele – Ah, sim...?

Ela – E ele nem reparou...

Ele – Porque é que ele leva um guarda-chuva? Não se vê uma única nuvem...

Ela – Aposto que foi ela que lhe pediu para o trazer. Quando começamos a ir ao cabeleireiro, deixamos de confiar no tempo. Além disso, ela sabe que ele também o usa como bengala. Assim é mais discreto. Por orgulho dele...

Ele – Já viste? Ela tem o cabelo quase roxo...

Ela (*com ternura*) – Mas fica-lhe bem, não fica?

Ele – O quê? Uma velhota com penteado de punk?

Ela – Devem estar casados há meio século e ainda andam de mãos dadas...

Ele – Já não! Olha, ela vai-se embora furiosa. E não parece nada satisfeita. Se calhar discutem há cinquenta anos...

Ela – Talvez ele lhe tenha dito que tem o cabelo roxo demais... (*Pausa.*) Estou a perguntar-me se afinal não vai chover... Vamos embora?

Ele – Bem, sim...

Ele levanta-se para sair.

Ela – Já agora, para que querias encontrar-te comigo?

Ele – Bem... Não sei muito bem como dizer-te isto, mas... Não creio que venhamos a envelhecer juntos...

Ela – Eu sei...

Ele – E tu, querias dizer-me alguma coisa?

Ela também se levanta e percebe-se que está grávida.

Ela – Tu também devias ter trazido um guarda-chuva!

18. Férias

Uma esplanada com duas espreguiçadeiras. Ela entra de roupão branco e óculos de sol. Aproxima-se da frente do palco, inspira profundamente e contempla o horizonte. Ele aparece a andar de muletas.

Ela (*sem se voltar*) – Ah, que ar tão puro! Sente a brisa do mar?

Ele – Por acaso, não... Mas hoje estou com o nariz um bocadinho entupido...

Senta-se com dificuldade numa espreguiçadeira e pousa as muletas ao lado.

Ela – E as gaivotas... Ouve-as? Que mudança de ares!

Ele tira do bolso uma caixinha metálica, abre-a e oferece-lha.

Ele – Quer uma pastilha? Desentope as vias respiratórias...

Ela ignora a oferta.

Ela – É o paraíso... Sinto-me como se tivesse nascido outra vez! A si não lhe acontece o mesmo?

Ele tira uma pastilha da caixa e mete-a na boca.

Ele – A mim dá-me mais vontade de vomitar...

Guarda a caixa.

Ela (*entusiasmada*) – Começa um novo dia... E promete ser maravilhoso!

Ele – Tem a certeza de que está bem?

A expressão dela muda por completo.

Ela – Estou completamente deprimida...

Ele – Tenho pastilhas de outro tipo, se quiser.

Ela – O meu marido devia ter vindo comigo, mas acabou por ficar no cais.

Ele – Lamento. Então, de momento, está solteira...

Ela – Mais propriamente, fiquei viúva para sempre.

Ele – Estou a ver...

Ela – Só que ele continua vivo... (*Pausa.*) E a si, o que lhe aconteceu?

Ele – Estou de férias, como a senhora.

Ela – Refiro-me às muletas...

Ele – Ah, isto... Sei que preciso delas para andar. Só não me lembro porquê...

Ela volta a contemplar o mar.

Ela – O mar está tão azul... Parece um postal... Acho que vou dar um mergulho...

Tira o roupão, revelando um fato de banho.

Ele – Cuidado para não se afogar. Era uma pena... E a água não deve estar muito quente.

Ela – Porque diz isso?

Ele – Estamos fora de época.

Ela – Ah, é verdade...

Volta a vestir o roupão.

Ele – Apetece-lhe jogar uma partida de Scrabble?

Ela – Obrigada. Ainda não estou assim tão desesperada...

Ele – Gostava assim tanto dele?

Ela – Era o meu marido...

Ele – Há de esquecê-lo...

Ela – Mal me lembro da nossa despedida...

Ele – As despedidas são as primeiras coisas a desaparecer quando o tempo anda para trás.

Ela – Trabalha em cinema?

Ele – Se trabalhava, já não me lembro... E a senhora?

Ela – Sou atriz, de certo modo.

Ele – Vai ver que esta pequena pausa lhe vai fazer maravilhas.

Ela – Já me sinto mais nova... Pronto, vou dar um mergulho!

Ele – No mar?

Ela – Na piscina!

Ela sai, deixando ver a palavra TITANIC nas costas do roupão. Ele levanta-se sem muletas, aproxima-se da frente do palco e abre os braços, a olhar para o horizonte.

Ele – Sou o rei do mundo!

19. Primeiro amor

Um homem passeia pelo que se revela ser uma galeria de arte. Uma mulher aproxima-se dele, a sorrir, emocionada.

Ela – Reconheces-me?

Ele fica surpreendido, mas, para não a desiludir, arrisca um palpite.

Ele – Brígida?

Ela – Vitória!

Ele – Vitória!

Ela – Já te observava há algum tempo. A tua cara parecia-me vagamente familiar. E, de repente, lembrei-me. Há qualquer coisa na tua expressão...

Ele – É incrível... Quantos anos passaram?

Ela – Espera... Há pouco não me reconheceste, pois não?

Ele – Reconheci, reconheci... Bem, ao princípio, não... Mas agora que dizes, está tudo aí. O queixo... Os olhos... A boca... Até o nariz!

Ela – Sim...

Ele – Não, disse Brígida porque é uma amiga da minha mãe. *(Percebe o erro e tenta remediá-lo.)* Tu não mudaste assim tanto, pois não?

Ela – Os anos passaram...

Ele – Não, quero dizer... Reconhece-se perfeitamente que és tu. Depois de sabermos que és tu... *(Percebe que está a piorar as coisas.)* Ainda moras por aqui?

Ela – Sim... No mesmo sítio... E tu? Não voltas cá muitas vezes, pois não?

Ele – Não, quase nunca... A minha mãe ainda mora aqui, mas... É complicado... *(Prefere mudar de assunto.)* Vitória...! Deves estar casada, suponho.

Ela – Tenho quatro filhos...

Ele – Ah, meu Deus...

Ela – E tu?

Ele – Eu também... Bem, só tenho um, mas... *(Outro silêncio constrangedor.)* Não é incrível encontrarmo-nos assim, numa galeria de arte? Ia comprar tabaco e entrei por acaso...

Ela – Sim...

Ele – Não vais acreditar, mas ainda há pouco estava a pensar em ti. Precisamente quando passei diante de tua casa... Embora não acreditasse que ainda morasses lá. Nunca mudaste de casa?

Ela – Não, como vês. Continuo por aqui...

Ele – Incrível...

Parece que já não sabem o que dizer.

Ela – Já tiveste tempo de ver a exposição?

Ele – Sim... Bem, não toda... Há coisas muito bonitas, não há?

Para disfarçar, examina o quadro que têm à frente, à procura de mais alguma coisa para dizer.

Ele – Embora este seja horrível, não achas? Parece pintado por uma criança. Não sei como podem expor coisas destas...

Ela – Eu sei que tenho de aperfeiçoar a técnica...

Ele (*atordoadado*) – Ah, é... teu? Foste tu que...?

Ela – Sim...

Ele – Não, mas os outros são lindíssimos, já te disse...

Ela – Bem, nem todos são meus. É uma exposição coletiva. Mas este fui eu que o pintei...

Ele – Claro! Agora lembro-me... Já pintavas nessa altura... Em caixas de queijinhos, não era?

Ela – Em caixas de fósforos...

Ele – Isso! Aquelas caixas grandes de fósforos, de tamanho familiar. Já não se veem. É pena... Portanto mudaste de suporte...

Volta a olhar para o quadro.

Ele – Ah, sim, está muito bem... É... um cavalo?

Ela – Um gato...

Ele – Claro! Veem-se as orelhas, a boca, o nariz... Os bigodes... E é abstrato, não é?

Ela – Não.

Ele – Bem, quero dizer... Pintura ingénua...

Ela – Também não...

Ele – Que percebo eu de pintura! Temos sempre de pôr etiquetas nas coisas, não é? Sobretudo na arte! Sou igual a toda a gente. O importante é que é bonito... (*Com alguma emoção.*) E é tão teu...

Outro silêncio embaraçoso.

Ele – Sabes que eu era muito apaixonado por ti...?

Ela – Há muito tempo...

Ele – Na altura nunca teria coragem de to dizer... É curioso... Sabe tão bem poder dizê-lo agora... Quero dizer, agora que...

Ela – O crime já prescreveu...

Ele – Pois... (*Constrangido.*) Olha, tenho de ir. Vim visitar a minha mãe... Na idade dela, sabes como é... Pode morrer a qualquer momento...

Ela – Que idade tem?

Ele – Sessenta e dois... Mas sempre teve uma saúde frágil... Adorei voltar a ver-te. (*À procura de uma saída.*) Estou nas redes sociais. Envia-me um pedido de amizade e continuamos em contacto...

Ela – Está bem...

Ele – Já te procurei na Internet algumas vezes. Mas Vitória... bem... (*Tenta recordar-se do apelido, sem sucesso.*) Há tantas Vitórias...!

Ela – Na fotografia tenho um nariz vermelho... Quero dizer, de palhaço...

Ele – Pois assim não admira que não te tenha reconhecido! Agora tenho mesmo de ir... Damos dois beijinhos?

Beijam-se um pouco desajeitadamente. Ele vai-se embora, mas continua à procura de uma frase final que resolva tudo. Volta-se uma última vez e improvisa.

Ele – Bem... (*Solenemente.*) No reino dos céus, os nossos primeiros amores serão os últimos...

Ela acena educadamente, fingindo compreender o sentido profundo daquela frase enigmática. Ele afasta-se com um sorriso misterioso, deixando-a desconcertada.

20. Nem frio nem calor

Duas personagens, homens ou mulheres. Podem formar um casal e talvez sejam de idade. Permanecem um instante em silêncio.

Um – Que calor abafado, não achas?

Dois – Sim.

Um – Veio de repente.

Dois – Hum...

Um – Esta manhã estava-se bem, não estava?

Dois – Esta manhã...?

Um – E de repente, este calor todo.

Passa um momento.

Dois – Parece que vem aí trovoada.

Um – Achas?

Dois – Não sei...

Um – Então porque o dizes?

Dois – É o que se costuma dizer, não é?

Um – Costuma-se?

Dois – Alguém diz «Que calor abafado!» e o outro responde «Parece que vem aí trovoada».

Um – Hum...

Dois – Não era isso que eu devia dizer?

Um – Sim... Claro... *(Pausa.)* Mas, mesmo assim, nesta altura do ano...

Dois – O quê?

Um – Estar este calor abafado.

Dois – Hum...

Silêncio.

Um – Ou se calhar sou eu... *(Pausa.)* Tu não tens calor?

Dois – Não, bem... Não muito...

Um – E porque é que não mo disseste?

Dois – O quê?

Um – Também disseste que estava um calor abafado!

Dois – Não sei... Disse por dizer... Para não te contrariar...

Um – Então sou eu...

Dois – Tu...?

Um – Se calhar estou com febre!

Dois – Sentes-te com febre?

Um – Não sei... O que achas? Está calor ou sou eu?

Dois – Agora que falas nisso, realmente começo a sentir algum calor...

Um – Pode ser contagioso.

Dois – O quê?

Um – A febre! Estavas bem e agora comesças a ter calor. Pode ser contagioso!

Dois – Não, mas na verdade eu não tenho calor. Só disse aquilo para...

Um – Para quê?

Dois – Não sei... Por dizer qualquer coisa... *(Pausa.)* E se tirasses a camisola?

Um – Achas?

Dois – Não perdes nada em experimentar.

Um – E se me constipo? Se estiver com febre...

Dois – Não está assim tanto calor, mas... também não está frio. Nem frio nem calor.

Um – Está bem...

A primeira personagem tira a camisola.

Dois – Então?

Um – Ah, sim...

Dois – Melhor?

Um – Sim, sim... Agora estou melhor...

Dois – Esta manhã estavas de camisola?

Um – Não...

Dois – Então pronto, é disso...

Um – Sim...

Dois – De certeza que é da camisola...

Um – É verdade que esta manhã... Não estava tanto calor, pois não?

21. Mortal

Duas personagens, que podem ser interpretadas por homens ou mulheres.

Um – Acho que desta vez somos mesmo os últimos...

Dois – Pensar que dominámos o mundo durante mais de cem milhões de anos...

Um – Vais ver, daqui a mais cem milhões de anos, a espécie que nos suceder ainda se perguntará o que provocou a nossa extinção.

Dois – Dirão que foi a queda da fertilidade, uma guerra nuclear...

Um – Uma erupção vulcânica, o impacto de um asteroide...

Dois – Como os dinossauros.

Um – Talvez eles se tenham extinguido pelo mesmo motivo que nós, no fundo.

Dois – A verdade é que cem milhões de anos é muito tempo.

Um – Sobretudo os últimos meses.

Dois – Quando a própria História se torna um fardo insuportável...

Um – O peso das mochilas da escola. Foi assim que tudo começou.

Dois – Mesmo com livros eletrónicos, um milhão de séculos pesa bastante...

Um – Estávamos fartos, sem dúvida.

Dois – Até à ponta dos cabelos.

Um – Simplesmente, já não tínhamos memória suficiente para guardar tudo.

Dois – A verdade é que já estava na altura de acabar, mas...

Um – O erro do milhão de séculos. Foi isso que acabou connosco.

Dois – Além disso, já tínhamos feito tudo. O que mais podíamos fazer?

Um – Sem nos repetirmos.

Dois – A única coisa que ainda não tínhamos feito era desaparecer.

Um – Pergunto-me que espécie nos substituirá como dominante. As baratas?

Dois – Que deprimente...

Um – As galinhas?

Dois – Achas mesmo que se pode reconstruir uma civilização com um cérebro de galinha?

Um – A memória seria apagada e tudo recomeçaria do zero...

Dois – Pois...

Um – A menos que os dinossauros regressem e fiquem mais cem milhões de anos.

Ficam imóveis. Silêncio.

Um – Bolas... Cem milhões de anos... Depois de cem milhões de anos, é mesmo preciso um motivo para desaparecer?

O segundo não responde, fecha os olhos e parece morrer. O primeiro observa-o sem emoção e volta a olhar para o vazio.

Um – Não, eu compreendo os dinossauros. Cem milhões de anos... É de morrer.

22. Ausência de gravidade

Duas personagens.

Um – Não tarda, vai amanhecer...

Dois – Achas que daqui a cem anos ainda se lembrarão de nós?

Um – Provavelmente.

Dois – E daqui a mil?

Um – Não sei.

Dois – De ti vão lembrar-se.

Um – Isso é assim tão importante para ti?

Dois (*com sarcasmo*) – Que se lembrem de ti?

Um – Que só se lembrem de mim.

Dois – Não foi precisamente para isso que fizemos tudo isto?

Um – Para nos tornarmos imortais?

Dois – Para sermos os primeiros. Embora soubéssemos que só um podia ser o primeiro.

Um – Se quiseres, cedo-te o meu lugar. Eu fico em segundo...

Dois – Sabes que não podemos fazer isso.

Um – Quem nos impediria?

Dois – Está bem. Mas porquê eu?

Um – Vamos decidir à moeda!

Dois – Decidir a imortalidade à moeda? Porque não...?

O primeiro finge atirar uma moeda ao ar. Os dois seguem-na com o olhar enquanto ela flutua sem cair.

Um – Com tão pouca gravidade, não cai antes desta noite.

Dois – Tu sabias, não sabias? Senão tinhas proposto tirar à sorte com palhinhas.

Um – Sabíamos os dois.

Dois – Está a amanhecer. Dentro de minutos serás o primeiro ser humano a pisar este planeta.

Um – Com o que é que se parece?

Dois – Com nada. Ou com o Texas, se preferires.

Um – Deseja-me sorte.

Dois – Vais precisar dela. A imortalidade dura muito tempo...

Um – Achas que os mortos famosos sabem que são imortais?

23. Imobiliária espacial

Um agente imobiliário (homem ou mulher) está sentado a uma secretária com um computador. Entra um cliente (ou uma cliente).

Cliente – Bom dia.

Agente – Bom dia. Bem-vindo à Imobiliária Espacial. Em que posso ajudá-lo?

Cliente – Bem, eu... Atualmente vivo numa casa arrendada e estou a pensar comprar casa...

Agente – Muito bem...

Cliente – Acabámos de ter o nosso segundo filho e já começamos a ficar um bocadinho apertados.

Agente – Compreendo perfeitamente. Quanto mais pequena é a casa, mais espaço ocupa, não é?

Cliente – Sim...

Agente – Perfeito... E... que tipo de planeta procura?

Cliente – Não muito grande, porque o meu orçamento tem limites. Mas confortável para quando os miúdos crescerem.

Agente – Deixe-me ver o que lhe posso oferecer. (*Escreve no computador e observa o ecrã.*) O que acha deste? Não é enorme, mas tem duas luas. Ideal para uma família.

Cliente (*a ler*) – «Precisa de alguns ajustes». O que significa exatamente?

Agente – Que a temperatura à superfície é um bocadinho elevada...

Cliente – Quanto?

Agente – Pode chegar aos duzentos graus no verão... Mas pode sempre instalar ar condicionado em toda a atmosfera.

Cliente – Não suporto ar condicionado...

Agente – E tem imensa luz. É um planeta muito próximo da sua estrela.

Cliente – Deve ser por isso que parece um forno... E este aqui?

Agente – Ah, sim. Também é lindíssimo. Tem o encanto de outros tempos. Muita personalidade.

Cliente – Precisa de obras...

Agente – Não inclui água nem atmosfera, mas hoje em dia isso não exige grandes obras. Até há benefícios fiscais para algumas melhorias. E por este preço...

Cliente – Preferia não ter de fazer obras.

Agente – Pronto a habitar, claro. Eu também não tenho muito jeito para a bricolage... Vejamos... Ah, acho que tenho mesmo o que procura! Acabou de entrar no mercado. Veja só...

Cliente – É muito azul, não é?

Agente – É a piscina. Mas repare bem. O jardim está muito verde. E tem um frigorífico em cada polo. Estão a começar a descongelar, por isso a piscina transborda um bocadinho, mas basta ajustar o termóstato para resolver o problema...

Cliente – Bem, na verdade não está nada mal...

Agente – Um ambiente natural lindíssimo. A menos de cem anos-luz daqui...

Cliente – Onde fica exatamente?

Agente – Fica um bocadinho afastado, é verdade. Mas, em compensação, é muito sossegado. No sistema solar...

Cliente – No sistema solar?

Agente – Na Via Láctea. O nome diz-lhe qualquer coisa, não?

Cliente – Vagamente...

Agente – Podia oferecer-lhe uma coisa mais central, claro, mas seria mais cara. Um planeta destes, com lua própria... É verdade que a lua precisa de alguns arranjos, mas pode tratar disso mais tarde, quando os miúdos forem maiores...

Cliente – E diz que está pronto a habitar?

Agente – Água, gás, energia solar... E, para lhe dar um toque rústico, até tem alguns vulcões ativos. Talvez seja preciso limpar-lhes as chaminés...

Cliente – Como se chama?

Agente – Terra.

Cliente – Terra?

Agente – Se não gostar do nome, pode mudá-lo. É o número 3211 da Via Láctea.

Cliente – E está disponível para entrada imediata?

Agente – Creio que ainda há uns inquilinos que não pagam renda... Se estiver interessado, posso fazer com que desocupem o imóvel num abrir e fechar de olhos. Assim que terminarmos o inventário, pode instalar-se quando quiser.

Cliente – Tenho de falar com a minha mulher, mas... Sim, acho que fico com ele... Suponho que queira já um sinal...

Agente – Assim fica reservado. Sabe que estas propriedades são raras e vendem-se num instante...

Cliente – Perfeito...

O cliente tira um cartão de crédito. O agente passa-o pela ranhura do computador.

Agente – Pronto! Bem-vindo à sua nova casa!

Cliente – Muito bem. Volto com a minha mulher para tratar da papelada...

Agente – Sem problema. Estamos ao seu dispor.

O cliente sai. O agente pega no telemóvel.

Agente – Não vais acreditar. Finalmente consegui vender a Terra! Já tentávamos livrar-nos dela há uma eternidade... Podes passar por lá e deixá-la vazia até à próxima semana? O comprador quer instalar-se já e aqueles ocupantes ilegais deixaram tudo num estado lastimável... Não me interessa como fazes. Uma boa dose de inseticida deve chegar... Sim, homicídio, se preferires... Pronto, deixo isso contigo. Depois falamos. *(Desliga e esfrega as mãos.)* Bem, menos um problema...

24. Trindade

Três homens ou mulheres, vestidos da mesma maneira, exceto pelas palavras escritas nas T-shirts: LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE. Permanecem imóveis durante algum tempo.

Um – Que horas são?

Dois – Três, como sempre.

Três – Para que perguntas, se são sempre três?

Um – Não sei... Por hábito, suponho.

Outro silêncio.

Dois – Sabem uma coisa?

Três – O quê?

Dois – Parece que, antes de sermos robôs, nós próprios éramos animais.

Um – Animais?

Dois – Sabem... Como os robôs, mas sem ninguém os ter fabricado.

Três – Queres dizer... robôs selvagens? Como os que havia em alguns planetas?

Dois – Disseram isso num programa de televisão.

Um – Agora que penso nisso... Quem construiu o primeiro robô?

Três – O primeiro robô?

Dois – Aquele que construiu o segundo.

Três – De certeza que não foi um animal. Como poderia um animal fabricar um robô?

Um – No programa falaram de um elo perdido entre os animais e os robôs. Uma espécie de grande símio, mas mais inteligente.

Três – Um macaco que constrói robôs! Que disparate!

Um – Sim, tens razão.

Dois – Além disso, a nós ninguém nos construiu, pois não?

Um – Não?

Três – Fomos nós que criámos tudo isto!

Dois – Sempre estivemos aqui.

Um – Achas?

Dois – Claro! Nós também construímos os animais. Tal como tudo o resto!

Três – Seja como for, o nosso problema não é de onde vimos, mas para onde vamos.

Dois – E para onde vamos?

Três – Não faço a mínima ideia.

Um – Se calhar já chegámos.

Dois – Aonde?

Um – Ao fim da evolução.

Dois – Nunca pensei que o fim do mundo demorasse tanto... Está a tornar-se eterno, não acham?

Um – Eterno e meio.

Três – Muito mais demorado do que o princípio, certamente.

Um – Não sei porquê, mas naqueles filmes antigos da televisão o fim do mundo acontecia sempre de repente.

Dois – Enquanto na vida real nunca mais acaba.

Silêncio.

Um – De onde teremos tirado estas T-shirts ridículas?

Três – Também não faço a mínima ideia.

Silêncio.

Um – Que horas são?

Dois – Três, como sempre.

Três – Para que perguntas, se são sempre três?

Um – Não sei... Por hábito, suponho.

Pausa.

Dois – E a que horas estava previsto o fim do mundo?

Três – Às três.

Um – Ah, claro...

Dois – Então já não vale a pena continuar à espera.

Três – Não.

Preparam-se para sair.

Dois – Se calhar acabámos por nos tornar deuses.

Três – Quem sabe...

Voltam-se para sair e deixam ver as palavras escritas nas costas das T-shirts: PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO.

25. Não é o fim do mundo

Ele está ali. Ela regressa.

Ele – Então?

Ela – Duas horas.

Ele – Duas horas...

Ela – Aproximadamente.

Ele – Portanto, daqui a duas horas tudo isto deixará de existir.

Ela – E nós também.

Ele – Acho que sei como se devem ter sentido os dinossauros pouco antes de se extinguirem.

Ela – Só que eles não sabiam o que lhes ia acontecer.

Ele – Dizem que os animais conseguem pressentir um terramoto horas antes de acontecer. Quem sabe...

Ela – Talvez os dinossauros tivessem pressentido que a sua extinção se aproximava.

Ele – Tens medo?

Ela – Nem eu própria sei.

Ele – Afinal de contas, é só o fim do mundo.

Ela – Se eu fosse a única a desaparecer, estaria aterrorizada. Mas saber que tudo vai parar para todos ao mesmo tempo... E que o mundo não vai continuar sem nós...

Ele – De certa maneira, não somos nós que deixamos o mundo. É o mundo que nos deixa. *(Pausa.)* Não teria sido melhor não sabermos?

Ela – Saber ou não saber...

Ele – Seja como for, agora já não podemos fingir que não sabemos.

Ela – Duas horas.

Ele – Não é muito tempo para fazer o balanço de uma vida, pois não?

Ela – Para fazer um inventário antes de uma mudança de casa, talvez. Mas para fazer o balanço de toda a humanidade...

Ele – O que dirias? Balanço globalmente positivo?

Ela – Não se trata apenas de comparar o bem e o mal. É preciso ter em conta tudo o que fica pelo meio. A matéria escura. A insignificância. O absurdo.

Ele – Se alguém ainda duvidava do absurdo do mundo, a própria insignificância do seu fim devia abalar a fé de quem ainda acreditasse em Deus.

Ela – Falariam do Apocalipse e do castigo divino...

Ele – Vivi sempre segundo o lema «Depois de mim, o dilúvio». Nunca pensei que o dilúvio chegasse antes da minha morte...

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Não sei.

Ela – Que estranho. Muitas vezes perguntei a mim mesma o que faria se me restasse apenas um dia de vida. Ou uma hora.

Ele – E então?

Ela – Disparates, no fundo... Ouvir a Callas. Fazer amor.

Ele – Ainda temos tempo para as duas coisas. Desde que as façamos ao mesmo tempo...

Ela – Mas isto é diferente. Não se trata de dar sentido à minha própria vida no tempo que resta. Trata-se da própria vida.

Ele – Podíamos ter um filho.

Ela – Um belo gesto de desafio. Mas completamente absurdo.

Ele – Podíamos suicidar-nos...

Ela – Para podermos continuar a dizer «Depois de nós, o dilúvio»?

Ele – Seria um ato de liberdade.

Ela – Seria mais uma pose.

Ele – Então, o quê?

Ela – Como dar sentido ao passado num mundo sem futuro?

Ele – «Até ao fim dos tempos» antes queria dizer para sempre. O fim dos tempos... Acho que finalmente chegámos lá.

Ela – E depois?

Ele – Pode existir um depois do fim dos tempos?

Ela – Tempos novos?

Ele – Um novo começo?

Ela – Um novo começo não faria sentido.

Ele – Então, um começo.

Ela – Tudo acaba.

Ele – Tudo começa.

Ela – E tudo o que aconteceu deixará de ter razão de ser.

Ele – Acho que chegou a hora...

Ouve-se uma gravação de Maria Callas a cantar. Abraçam-se.

Pano

Um – Então, pronto? Acabou?

Dois – Seja como for, estamos mais perto do fim do que do princípio.

Um – Bem... Suponho que temos de ir embora.

Dois – Parece que sim...

Um – Não foi assim tão mau... Podemos voltar?

Dois – Isso...

Um – E não vamos mesmo lembrar-nos de nada?

Dois – Para quê voltar, então...?

O primeiro prepara-se para sair, mas, ao ver que o outro não o acompanha, volta-se.

Um – O senhor não vem?

Dois – Tenho de deixar tudo pronto para a próxima representação...

Um – Ah, claro... O senhor é o...

Dois – O espetáculo tem de continuar.

Um – Boa sorte...

O primeiro sai. O outro parece um pouco desanimado.

Dois – Alguém tem de ficar a tomar conta disto... Às vezes também gostava de atravessar aquela porta, esquecer tudo... E regressar uma manhã para começar do zero... Como se fosse a primeira vez... *(Muda de ideias.)* E se esta fosse mesmo a última? *(Para o que vai a sair.)* Espera, vou contigo! *(Tenta sair, mas não encontra a porta e resigna-se.)* Para mim nunca começou... Por isso, nunca acabará... *(Para o público.)* Até à próxima...

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Pecas de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-118-3

Documento para download gratuito